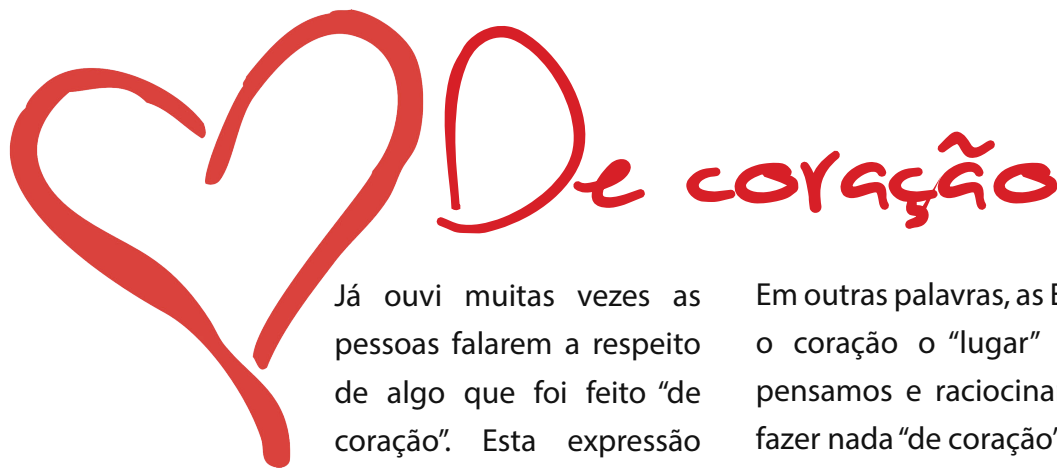




Cr 24.4; Mt 15.19; Lc 6.45) e (pasmem!) dos pensamentos (Gn 24.45; 1 Rs 3.12; 4.29; Jó 12.24; Ne 5.7; Mt 9.4) e crenças (Mt 24.48; Mc 11.23).

Já ouvi muitas vezes as pessoas falarem a respeito de algo que foi feito “de coração”. Esta expressão

normalmente é usada para se referir às motivações interiores: “fiz isso de coração”; ou então é empregada para justificarmos a baixa qualidade de um presente: “é simples, mas é de coração”. Em outros momentos, os cristãos a aplicam para o relacionamento com Deus. Nestes casos, não são poucas as vezes em que a expressão é usada para se referir a algo feito para Deus com “sinceridade” e “poder”: “ele pregou (cantou, serviu) de coração”.

Um grande problema no uso da expressão é o contraste que se faz entre “coração” e “razão”. É como se tudo o que fazemos com a “razão” não fosse procedente do “coração”. Parece que a “razão” é sinônimo de “frieza” e “falta de amor” e o “coração” é o mesmo que “amor”, “espiritualidade”, “poder” e “unção”. Quando uma aula foi “racional” parece ser o mesmo que dizer que ela estava desprovida de “poder espiritual”. Por outro lado, parece que quando alguém deixa o esboço de lado e fala o que veem à mente com a voz carregada de emoções, então esta aula procede de um “coração inflamado” por Deus.

Este tipo de pensamento procede da falsa compreensão de que “razão” e “coração” são elementos opostos entre si. Pensa-se que o primeiro refere-se às coisas deste mundo e o segundo refere-se às coisas espirituais. Contudo, tal compreensão não tem fundamento bíblico. O uso da palavra “coração” na Bíblia abrange algumas áreas principais: a sede dos desejos (Mt 5.28; 6.21; Mt 26.38) e emoções (Ex 4.14; 1 Sm 2.1; Jo 16.22; At 2.26), da vontade (Ex 25.2; 35.21; 2

Em outras palavras, as Escrituras também consideram o coração o “lugar” no nosso ser interior onde pensamos e raciocinamos. Por isso, não é possível fazer nada “de coração” à parte da razão.

Isso é verdade especialmente pelo fato de que as nossas ações devem sempre ser fruto de um coração que pensa, raciocina e crê nas verdades das Escrituras. As ações são expressões dos nossos pensamentos e crenças. Não é sem motivo que a Bíblia afirma que somos transformados pela renovação da nossa mente (Rm 12.2; Ef 4.23 e Cl 3.10) e que a adoração agradável a Deus é chamada de culto racional (Rm 12.1). Espiritualidade não é sinônimo de abandonar a razão. Pelo contrário, o cristão espiritual é aquele que raciocina sobre as verdades bíblicas, crê nelas e as pratica.

Precisamos nos lembrar de que o resumo de toda a Lei é amar a Deus de todo o coração e só podemos fazer isso quando a nossa razão está envolvida. Se você tem dúvidas disso, lembre-se que o texto bíblico acrescenta a expressão “de todo o seu entendimento” (Mc 12.30) para esclarecer a importância do racional no nosso relacionamento com Deus. É claro que a razão precisa estar acompanhada de fé e desejo por Deus que leva à prática da Palavra. A razão, sem estes elementos, se torna árida. Por outro lado, um desejo ardente por Deus sem uma compreensão racional das Escrituras produz cristãos imaturos e sinceramente enganados. Não é só razão ou só emoção. É razão, desejos, emoção e vontade! Ou seja, é de “de coração”!

---

Pr. Ivis Fernandes